

HIAM ABBASS
DIAMAND ABOU ABOUD
JULIETTE NAVIS



67th International
Filmfestspiele
Berlin

Panorama
Prémio do Público

NA SÍRIA

INSYRIATED

UM FILME DE PHILIPPE VAN LEEUW



SINOPSE

Guerra em Damasco, Síria. Encurralada em casa, uma família deve sacrificar um dos seus membros para proteger os outros? Encurralada em casa, numa cidade sitiada, Oum Yazan, mãe de três, transformou o apartamento num porto seguro para a família e os vizinhos, tentando protegê-los da guerra no exterior. Corajosamente, organizam-se no dia a dia, de modo a continuarem a viver, apesar das carências e do perigo. Quando bombas ameaçam destruir o edifício, quando franco-atiradores transformam pátios em zonas mortíferas e ladrões arrombam a casa para reclamar as suas pavorosas recompensas, manter o ténue equilíbrio da rotina dentro de portas torna-se uma questão de vida e de morte.

NOTAS DO REALIZADOR

“Um dia, em Dezembro de 2012, uma amiga síria de Damasco contou-me que, nas três semanas anteriores, o pai dela tinha estado preso dentro do apartamento, em Aleppo, sem telefone ou qualquer meio de comunicação, por causa dos bombardeamentos e da guerra que devastava a cidade. Imaginei esse homem solitário, prisioneiro na própria casa, e outros como ele, tentando sobreviver um dia de cada vez. Esta é a história de uma família encurralada na sua própria casa por causa da guerra devastadora no exterior.

Este projecto foi impulsionado por um sentimento de urgência. Procurando reagir rapidamente, decidi desde o início que só haveria um cenário, o apartamento, e um período de 24 horas, de modo a tentar perceber o que motiva pessoas normais colocadas em circunstâncias extraordinárias - nada de heróis, mas simplesmente pessoas a reagir à situação em que se encontram.

O que procuro transmitir é a fragilidade e a força de que todos somos capazes numa situação de aflição. O instinto que nos dá força para lutar pela sobrevivência e o instinto de auto-preservação em detrimento das necessidades de outros decorrem dos mesmos impulsos vitais e falhas morais.

No entanto, não são impostos quaisquer juízos ou posições morais, há apenas uma exposição de factos, para denunciar uma realidade crua.

Para assegurar a autenticidade do argumento que tinha escrito, procurei aconselhar-me junto de sírios exilados, em particular dos cineastas Hala Mohammad e Meyar Al Roomy, e baseei-me no meu próprio conhecimento da região. Estive e trabalhei com regularidade no Líbano nos últimos anos. As duas nações partilham a mesma cultura e costumes, tal como agora infelizmente partilham a experiência da guerra civil.

O filme pretende ser uma experiência imersiva. O apartamento assemelha-se a uma bolha prestes a explodir, as sombras são ameaçadoras, o mundo exterior parece inacessível, proibido.

É como se os personagens estivessem sentados em cima de um vulcão, irritadiços, nervosos, egoístas e, ainda assim, procurando mostrar compreensão e compaixão com os seus companheiros. PANIC ROOM - SALA DE PÂNICO (2002), de David Fincher, é uma boa referência em termos de tensão, mas aqui não há truques, não há efeitos especiais, é apenas um simples olhar sobre o drama da situação.

Como no meu filme anterior, LE JOUR OÙ DIEU EST PARTI EN VOYAGE (2009), preocupo-me muito com evitar qualquer ponta de condescendência ou voyeurismo na forma como abordo a violência. Como Jacques Tourneur, acredito que quanto menos se vir, melhor. Acho que se é mais sensível a uma sensação de realismo e emoção quando, em vez de se desviar o olhar, se tenta ver mas não se vê nada ou vê-se tão pouco que se tem de inventar mentalmente as imagens em falta.

Só então se pode sentir verdadeiramente algum tipo de emoção, incluindo o terror, vinda do ecrã. Por outro lado, o próprio som tem a capacidade de evocar imagens, muitas vezes mais fortes e mais vibrantes do que as próprias imagens. As acções violentas descritas no filme são, assim, mais sonoras do que visuais.

Ainda assim, procuro sempre exprimir uma ideia visualmente em vez de usar diálogos para a transmitir. Para mim, os rostos e a linguagem corporal deviam dizer tudo. À excepção de Hiam Abbass (a mãe) e Diamand Bou Abboud (Halima), os actores são todos refugiados sírios. Uma vez que Juliette Navis (Delhani) não fala árabe, foi treinada para dizer as suas deixas foneticamente.

A revolta do povo sírio começou há seis anos e a guerra já leva mais de cinco, enquanto o resto do mundo não fez nada para lhe pôr cobro. Os sírios que neste preciso momento procuram refúgio na Europa não tiveram escolha a não ser deixar as suas casas e o seu país. Provêm todos de sítios e situações dos quais não temos imagens. Para além da tragédia síria e de outras, passadas e actuais, quero mostrar a dignidade das populações civis cada vez mais implicadas nos conflitos modernos.”



REVISTA DE IMPRENSA

“Um estudo arrepiante e acelerado de um agregado familiar sírio sitiado, NA SÍRIA dá a ver o horror quotidiano com o tipo de realismo que se associa aos filmes de guerra mais envolventes.” *The Hollywood Reporter*

“O drama flui com naturalidade de divisão em divisão enquanto um elenco soberbamente dirigido e composto em grande parte por refugiados sírios – incluindo crianças e jovens adultos – se entende de forma esplêndida. (...) Hiam Abbass presenteia-nos com uma das suas interpretações mais poderosas até à data no papel de uma extraordinária matriarca durona, cuja consciência dos horrores do mundo – e do que se tem de fazer para lhes sobreviver – está acentuadamente gravada em todas as linhas do seu rosto.” *Screen Daily*

“Para que esta violência seja encarnada, era necessário ter personagens bonitos, divididos entre a necessidade de fugir - todos aqueles que protestam contra o afluxo de refugiados políticos em Europa devem ver esse filme - e a de ficar. Da melancolia ternura do avô, fantasma de outra era, para a energia da sua nora, todos têm uma presença e uma verdade inesquecíveis.” *Télérama*

Bélgica, França | 2017 | 85 min

Distribuição Alambique